

Inferições sobre a influência transversal de Aristóteles e sua contribuição para alguns filósofos.

**Marcus Vinícius Coutinho Gomes¹
Karina Melo Pessine²**

Resumo:

Este trabalho, em formato ensaísta, busca analisar contribuições relevantes do pensamento Aristotélico e sua passagem até os dias atuais, transportado de forma convergente/divergente através de alguns filósofos. Para tanto, adota-se como linha motriz os diálogos da filosofia de Aristóteles com a produção intelectual de seu mentor, Platão. O que se busca inferir é, principalmente, se o conhecimento filosófico ocidental sofreu interferência e se pode, em alguma medida, ser tomado como comentários à filosofia destes dois pensadores – embora, por óbvio, não se pretenda com isso afirmar que é apenas aí que se sedimenta a gnose atual.

Introdução:

O objetivo principal deste texto é realizar retrospecto sobre as contribuições da filosofia aristotélica para verificar se seguem ecoando nos dias atuais. Isso será feito através de pontuações das convergências e divergências entre o que pensou Aristóteles e sua capilaridade entre outros filósofos que foram por ele inspirados e que a ele sucederam. Para isso, cauciona-se inicialmente que quando se trata de produzir um recorte geracional interno das eras filosóficas, parece assente que o que se entende por produção aristotélica é situada no campo denominado filosofia antiga ou clássica, que, conforme

¹ Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Professor de Direito Ambiental e Minerário da Faculdade de Direito de Cachoeiro de Itapemirim- FDCI. Email: marcus.gomes4@gmail.com

² Doutora em Sociologia Política da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Professora de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de Cachoeiro de Itapemirim- FDCI. Email: karinapessine@gmail.com

aponta Chauí (2012) vai dos pré-socráticos aos grandes pensadores do período helenístico. Outro ponto que merece advertência de partida é que, para além de Aristóteles, serão recorrentes as pontuações sobre a produção platônica, já que esses dois filósofos produzem sua doutrina de forma dialógica (CARNEVALLI, 2011). Neste sentido, cabe lembrar que Platão foi mestre de Aristóteles, de quem divergia em temperamento, já que era erudito e metódico, enquanto aquele era intuitivo e de uma criatividade brilhante e efervescente (KIM, 2016).

A metodologia adotada para a confecção deste texto será a de revisão bibliográfica e a hipótese que ora se apresenta é que o cerne dos conceitos aristotélicos é válido ainda hoje, tendo sido transposto para a contemporaneidade através de outros filósofos que o retomaram de forma crítica, em concordância ou discordância.

Não se pretende dividir este texto em seções internas – quando se está a considerar a parte propriamente textual - dada a circularidade dos conceitos de Aristóteles e suas conexões recíprocas em seus conceitos fundamentais, que serão abordados no curto espaço deste ensaio. Os conceitos dos quais se pretende aproximação são a distinção entre suas quatro causas explicativas para testar hipóteses e pensar os porquês; a metafísica; a teoria do motor imóvel; a distinção entre ato e potência.

O pensamento aristotélico: reflexões de conformidades e desacordos.

Aristóteles foi um filósofo com interesses difusos, tendo voltado seu olhar de forma indistinta para um vasto cabedal dos conhecimentos do mundo. Por isso se ocupou, inclusive, em criar métodos para o próprio estudo do Ser, o que, segundo Chauí (2012) pode ser denominado como filosofia primeira. Talvez seja justamente por isso que a filosofia aristotélica tenha alguma ascendência sobre tantas correntes filosóficas.

Neste filósofo congregam-se reflexões de ordem ética, estética, metafísica, biológica e muitas outras que o acometiam já quatro séculos antes de Cristo (CARNEVALLI, 2011). Reflexo desta consciência ampliada é a frase “A verdade está no mundo a nossa volta” (ARISTOTELES *apud* KIM, 2016, p. 56). Não por outra razão foi este pensador capaz de produzir um conhecimento

enciclopédico vasto (SILVA, 2018) e que serve ainda como categorizador tanto para as formas de estudo quanto para o que se estuda.

Já em notas introdutórias, toca assinalar um dos conceitos mais importantes frutificados a partir de Aristóteles, qual seja a concepção de Metafísica que marca sua obra. Esta é, certamente, uma das maiores contribuições trazidas por ele, sendo este o título da coletânea dos textos produzidos por seus alunos, inspirados numa ideia de teologia que é divergente daquela que (embora inspirada por concepções aristotélicas) emerge apenas na da idade média.

A concepção metafísica se desdobra no esforço de, através da lógica, refundar explicações sobre a criação do mundo e do que nele há. É um estudo que dialoga com seus predecessores (CHAUÍ, 2012) mas que os refuta e avança.

Neste sentido é fundamental perceber que uma das maiores distinções que se pode fazer entre este filósofo e os seus predecessores é que este não abdica de sua razão sensível – como fez Platão que tomava por enganosos os canais sinestésicos. Em Aristóteles, os canais sensíveis são importantes para perceber certas constantes com as quais é possível traduzir e categorizar o mundo natural (KIM, 2018). Por isso, enquanto Platão advoga a ideia de, por exemplo, um cachorro ideal (em convergência com o conceito de *ideal tipe* da tradição metodológica weberiana (WEBER, 1999), Aristóteles defende que vemos diferentes exemplos de cachorros ao longo da vida e que, numa mediação entre nossos sentidos, capazes de reconhecer características comuns, e a razão, encontramos a verdade sobre o que significa o “ser cachorro” a partir das evidências do mundo ao redor. De modo que Aristóteles converge para Platão ao afirmar que as coisas têm qualidades universais, mas essas não são ideais, pois podem ser conhecidas pelos sentidos (KIM, 2016). Por isso torna-se possível dizer que Aristóteles forma um par conceitual com Platão, embora intencione contradizê-lo em quase tudo.

Aristóteles critica o conceito original de Platão sobre a forma, já que, para ele, existem dois mundos, ou duas formas: o mundo sensível/fenomenológico e o mundo real (CHAUÍ, 2012). Então todo o pensamento de Platão se estrutura a partir do acesso à ideias de um mundo onde cada coisa é seu conceito e forma perfeitos.

Ao afirmar que tudo o que pode ser entendido pelos sentidos tem uma estrutura material, Aristóteles está a sugerir que existe algo que perdura, nada obstante assumir a mudança incessante como algo inegável, numa convergência com Heráclito, conforme nota Carnevalli (2011).

Heráclito era um dos filósofos denominados posteriormente como pré-socráticos e tinha suas ideias em clara oposição a outro pré-socrático denominado Parmênides, embora note-se que ambos “preocupavam-se com o devir” (CHAUÍ, 2012, p. 135). Para Heráclito tudo estava em movimento, enquanto que para Parmênides a inamovibilidade seria a regra – o ser é sempre idêntico a si mesmo (CHAUÍ, 2012). Aristóteles oferece um contraponto a ambos, pois diz que o “ser é o que existe em ato e é também o que existe em potência” (da SILVA, 2018, p.78). Assim, para dar um exemplo, a água é a água em seu estado líquido, mas também pode vir a ser muitas outras coisas. Então existe uma dependência das características da matéria e do momento, para que as coisas sejam ou não sejam, embora, em potência, sempre possam ser. Aristóteles ainda aponta que a razão das mudanças é uma aspiração de perfeição.

É neste ponto, da compreensão do ser enquanto ser, ainda que inserido num devir, que está assentada sua teoria metafísica, pois verifica que as coisas existem e podem ser apreendidas pelos sentidos, nada obstante sua mudança constante, pois cada coisa carrega em sua forma essencial um exemplo desta coisa em si (KIM, 2018). Ao se dedicar ao estudo metafísico, observa que as coisas possuem *knesis* (CHAUÍ, 2012) e que movimento é qualquer alteração, seja de local, quantitativa, qualitativa ou geracional. E, se a mudança é o estado constante de cada coisa, isso sugere a existência do que o filósofo denominou primeiro motor, que é a força que, mesmo imóvel, acaba por mover todo o resto por possuir a capacidade de empregar movimento (ou, em outras palavras, vida) a tudo o que acontece e existe (CARNEVALLI, 2011).

A adoção da teoria do primeiro motor é retomada em Tomás de Aquino (CARNEVALLI, 2011), já no final da Idade Média. Isso não só depõe em favor da importância da teoria aristotélica, como demonstra que Aristóteles acaba por se prostrar na história da filosofia através de outros pensadores que ofereceram releituras e retomadas de sua tradição.

Assim, a metafísica Aristotélica, ou filosofia primeira, se ocupa no estudo e na compreensão de cada coisa enquanto o que ela é. Essa foi, inclusive, uma das linhas motrizes da escola Aristotélica (CENCI, 2012). De forma que Aristóteles se afasta de Platão não por negar “que as qualidades universais existam, mas ao questionar sua natureza e os meios pelas quais chegamos a conhecê-las” (KIM, 2016, p. 58). A ausência de outras tantas características acaba também por ser definitiva de cada coisa (STEFANI, 2018).

Desta maneira, o que se denomina metafísica Aristotélica é a ciência universal que examina os objetos pela perspectiva do que eles são e até mesmo do que eles não são. Sobre isso, interessante excerto aristotélico vaticina que “o sinal que diferencia o sábio do ignorante é a capacidade de ensinar” (Aristóteles *apud* CENCI, 2012, p. 28). Portanto, é a partir da apreensão sensível e racionalização que se diferencia, para dar outro exemplo, o que seja árvore do que seja pedra.

Partindo dessa ideia de pensar o ser enquanto ser é que emergiu a forma difundida, em grande parte do mundo ocidental, de reflexionar a respeito das coisas em categorias. Aristóteles vai criando classes e organizando o estudo em disciplinas, como ocorre ainda hoje. Originalmente Aristóteles promove essa divisão em ordens categóricas, quais sejam: substância, qualidade, quantidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação e paixão (CABRAL, 2019), nas quais ele pensa que todas as coisas podem ser alocadas. Em suma, essa questão da apreensão sensível é um grande fosso que se instala entre Aristóteles e seu mentor original. Platão, em *A República*, apresenta graus de conhecimento que são escalas que evoluem partindo de um mundo físico, que é perceptível pela aparência sensível e que ele vê como imperfeito e apartado das coisas ideais (TAVARES e NOYAMA, 2017).

É no anseio que Platão tinha por ultrapassar as coisas do sentido que se consubstancia a fundação de sua Academia (TAVARES e NOYAMA, 2017), como forma de mostrar aos alunos que a atividade humana não deve ter como base valores que não sejam científicos, pois os valores imediatos, sensíveis, podem ser falhos. Aponta ainda que “ao múltiplo acedemos pelos sentidos, ao passo que às ideias não” (TAVARES e NOYAMA, 2017, p. 78).

No entanto, é nesta mesma academia onde Aristóteles vai direcionar seus estudos e acaba por verificar existência de um problema nessa maneira de

Platão pensar, pois, como já abordado, aponta que só se pode ter certeza do que se conhece a partir dos sentidos. Aristóteles aponta que é partindo das nossas ações e sentidos do mundo físico que se torna possível descobrir o que é verdade. Talvez esse apego aristotélico ao exame físico e sua confiança nos sentidos, se devesse à sua origem paterna, já que seu pai era médico (CARNEVALLI, 2011).

A história indica que Aristóteles optou por sair de sua cidade e ingressar na academia fundada por Platão, pois era lá que estavam os maiores intelectuais da Grécia. Além disso, as duas opções profissionais entre as quais se deparava era ser sofista ou filósofo, sendo que neste último caso eram maiores as possibilidades de ganhos financeiros (CARNEVALLI, 2011). Por tais razões, ele foi para Atenas estudar na Academia, onde se destacou como aluno ao ponto de dar como certa sua posição de sucessor natural de Platão, o que acabou por não acontecer. Esse fato, somado à realidade de ser estrangeiro – e, portanto, nunca plenamente aceito na sociedade ateniense (CARNEVALLI, 2011) – são razões para que ele retorne à Macedônia, onde é convidado a ser tutor de Alexandre, que veio a ser conhecido como Alexandre o Grande durante expansão da Macedônia.

Vê-se que parte da inscrição de Aristóteles na história e o transporte de suas ideias até os dias atuais se deve em a ter sido professor de Alexandre. No entanto, não se pode desprezar, de forma alguma, a importância do Liceu fundado por ele, que defendia que o saber não deve ser um fim em si mesmo, mas ter uma finalidade prática (ANGELMANN, 2016). Neste sentido também está a apresentar crítica à Platão, para quem o importante era pensar sobre as coisas, pensar em teoria.

A defesa aristotélica é em direção da observância do mundo para que se possa extrair dele o conhecimento, analisando a matéria para as coisas que existem, a substância e as essências de cada coisa. Em sua defesa dos sentidos é convergente com frase de John Locke que diz que “não existe nada na mente que já não tenha passado pelos sentidos” (Locke *apud* KIM, 2016, p. 63). Por seu apego exegético à matéria é que se pode considerar que seja o primeiro materialista da história, pois só com coisas sólidas é que a pensa que se pode desenvolver o raciocínio. Neste sentido percebe-se algo de Aristóteles na teoria do Materialismo Histórico criada por Marx e Hegel e reforça-se a ideia da

influência dele ao longo da história (LIMA, 2014). Pontua-se ainda que as influências de Aristóteles em Marx também são profundamente notáveis no que ambos pensam sobre a ética.

É partindo de sua reflexão materialista que desenvolve sua doutrina das 4 causas para as mudanças (ANGELMANN, 2016). Ele efetua uma análise causal das substâncias e apresenta quatro causas que são diferentes, porém complementares. 1ª causa seria a matéria e seus gêneros; a 2ª seria a forma; 3ª causa é a eficiente ou motriz; 4ª é causa final. A causa final aristotélica é, inclusive, fortemente percebida no existencialismo de Sartre.

Nota-se que esta reflexão aristotélica permite que se pense todas as coisas. Essa se torna uma metodologia de pensar com a lógica, de forma a ultrapassar concepções meramente opinativas – que Aristóteles repudiava como *doxa* (SILVA, 2018).

Cabe retomar que as ideias aristotélicas são transportadas para ingressar no pensamento ocidental a partir do momento em que se estrutura o cristianismo católico, dada a influência grega sobre os primeiros padres. O credo cristão, inscrito na base de formação da igreja católica, incorpora ideias de Platão, com quem Aristóteles sempre manteve diálogo diacrônico (ALMEIDA JUNIOR, 2017).

Neste sentido, Santo Agostinho é fundamental ao perceber que as ideias de Platão seriam importantes como sustentáculo teórico para fortalecer a igreja católica em sua doutrina. Agostinho adota o que Platão pensou sobre o início do mundo, quando afirma que a criação inescapavelmente se deveria a um tipo de Deus a quem denominou demiurgo – uma espécie de artesão ou de princípio organizador do universo, que não cria a realidade, mas modela e organiza a matéria através de imitação dos modelos ideais perfeitos (CARNEVALLI, 2011).

Assim como a obra aristotélica se deve, em grande medida a prestar crítica ou contraponto à produção intelectual de Platão, o mesmo ocorre na sucessão entre Agostinho e Tomás de Aquino, que, ao contrário de seu antecessor, adota Aristóteles como filósofo preferencial. Tomás de Aquino é o responsável por converter ideias aristotélicas em dogmas da igreja católica. Faz isso ao concordar que, conforme Aristóteles, as ideias nascem de um pensamento racional sobre a matéria (retomando a causa material aristotélica), sendo esta percebida através dos sentidos e, só a partir de então se estabelece a ideia de objeto (SILVA, 2018). Isso serviria perfeitamente à igreja católica e a

ideia de Deus, pois prediz que primeiro racionaliza-se a ideia Dele, seguido pelo pensamento da presença Dele em cada ser e com isso se conclui sua existência em união com o ser e através dele. É a percepção da máxima bíblica de que “Deus está no meio de nós”

Portanto, como se torna perceptível, são muitas as críticas de Aristóteles à Platão e isso acaba por influenciar filosofias supervenientes, como foi o caso da patrística e da Escolástica. Mas outras foram as divergências que merecem ser apontadas. Embora já se tenha abordado no texto a questão dos sentidos, ora pretende-se aprofundá-la, pois, um dos maiores pontos de divergência entre esses filósofos é no que concerne à apreensão do mundo pelos sentidos.

Sobre isso, Aristóteles indica que quando se nomeia um objeto, está a se inventar uma ideia e que esta ideia não obrigatoriamente é compartilhada por todas as pessoas. Nisso demonstra a força da linguagem, no que conflui para o que foi pensado por Wittgenstein (WITTIGENSTEIN *apud* ALBUQUERQUE e SOUZA, 2008) quando diz que os limites do mundo se devem aos limites da linguagem para aprendê-lo.

Platão, por seu turno, afirmava que bastaria a ideia. A ideia, em si, seria completa na visão platônica. Aristóteles em divergência, defendia que o que se apreende de um único objeto é a particularidade dele e se o que se tem é apenas a ideia do objeto, poder-se-ia ser enganado ao se verificar as distinções entre objetos de uma mesma categoria (da Silva, 2018). Com isso Aristóteles procurou indicar a impossibilidade de se começar a pensar partindo do mundo das ideias. Defende, portanto, a análise do ser pelo ser, das coisas em si mesmo consideradas e não em sentido relacional com outras coisas e seres.

Percebe-se, por conseguinte, que Aristóteles percorreu um caminho lógico na definição de um dos seus pilares teóricos, qual seja o de, primeiro, questionar a ideia de *mundo das ideias* pensado por Platão; depois se questiona sobre qual seria a melhor maneira de entender as coisas, para concluir que a forma mais adequada seria pensando sobre as causas. A partir da descoberta das causas ele então cria categorias que precisavam ser confirmadas pelos sentidos. Foi baseado nesse aspecto causal que construiu sua doutrina da substância sensível - forma e matéria, ato e potência (KIM, 2016), bem como a doutrina do primeiro motor, que, reverberou e foi muito importante para a

civilização ocidental, pois funcionou como o elemento organizador do conhecimento enciclopédico do mundo através de sua metafísica.

Por metafísica, adotar-se-á, para este texto, o conceito de Abnegato *apud* Silva (2018):

Ciência primeira, por ter como objeto o objeto de todas as outras ciências, e como princípio um princípio que condiciona a validade de todos os outros. Por essa pretensão de prioridade (que a define), a M. pressupõe uma situação cultural determinada, em que o saber já se organizou e dividiu em diversas ciências, relativamente independentes e capazes de exigir a determinação de suas inter-relações e sua integração com base num fundamento comum. [...]

A M., como foi entendida e projetada por Aristóteles, é a ciência primeira no sentido de fornecer a todas as outras o fundamento comum, ou seja, o objeto a que todas elas se referem e os princípios dos quais todas dependem. A M. implica, assim, uma enciclopédia das ciências, um inventário completo e exaustivo de todas as ciências, em suas relações de coordenação e subordinação, nas tarefas e nos limites atribuídos a cada uma, de modo definitivo. [...] A M. apresentou-se ao longo da história sob três formas fundamentais diferentes: 1a como Teologia; 2a como Ontologia; 3a como Gnosiologia. (grifo do autor).

Como visto em Silva (2018), a metafísica apresentou-se ao longo da história, de 3 formas: teológica, a ontológica e a gnosiológica (GOMES, 2009).

O conceito de metafísica como teologia, consiste em reconhecer como objeto da metafísica o ser mais elevado e perfeito do qual vem todos os outros – porém, não de forma idealizada como se viu em Platão. Metafísica teológica foi, portanto, uma forma de conhecer bem a origem (SILVA, 2018) enquanto ser.

Outra forma de ser verificar a metafísica aristotélica é através de seu pensamento sob viés ontológico, entendido por ele enquanto a ciência do ser pelo ser. É o “ser que não pode deixar de ser” (SILVA, 2018, p. 71). Essa forma de pensar foi fundamental para a produção de suas categorizações enciclopédicas, conforme se lê em Almeida (2014):

Aristóteles parece ter sido o primeiro filósofo a usar a palavra grega *kategoria* como um termo técnico para predicação. Os estudiosos dessa tradição acreditam que um sistema de categorias deve ser capaz de fornecer um inventário das coisas que existem.

Essa forma de categorização acaba por exercer influência em muitos outros filósofos posteriores, conforme anota STUDDTMANN (2018):

Aristotle's *Categories* is a singularly important work of philosophy. It not only presents the backbone of Aristotle's own philosophical theorizing, but has exerted an unparalleled influence on the systems of many of the greatest philosophers in the western tradition (...). Looking beyond his own works, Aristotle's categorialism has engaged the attention of such diverse philosophers as Plotinus, Porphyry, Aquinas, Descartes, Spinoza, Leibniz, Locke, Berkeley, Hume, Kant, Hegel, Brentano and Heidegger (to mention just a few), who have variously embraced, defended, modified or rejected its central contentions. All, in their different ways, have thought it necessary to come to terms with features of Aristotle's categorial scheme.

De forma que, em sua concepção ontológica, Aristóteles afirma que se há algo de eterno, isso deve pertencer a uma ciência teórica, ou seja, uma ciência que está antes de qualquer outra. Aponta que na observação das coisas do mundo, permite-se extrair a similaridade entre aspectos de estudo e, justamente por essa razão passa a se questionar sobre como é possível fazer a distinção entre as coisas que se estuda. A metodologia utilizada para isso seria a análise básica de cada coisa, adotando “básica” aqui em sentido radical.

Assim, seriam as ciências teóricas o radical para conhecimento das coisas do real (MOURA, 2005). Foi deste modo que Tomás de Aquino pôde afirmar que Deus está na base da matemática e da física e, fazendo um silogismo aristotélico (KIM, 2016), apontar que está na base já que a matemática e a física são componentes de todas as coisas. Seria, neste sentido, Deus uma constante matemática original. Assim se inseriu a igreja católica no pensamento da modernidade.

Ao pensar o ser e quais os elementos fazem do ser o que é, existem algumas proposições metafísicas ontológicas adotadas por Aristóteles (SPINELLI, 1997). A primeira é a que diz que existem determinações necessárias do ser, ou seja, determinações que nenhuma forma ou maneira de ser pode deixar de ter (SPINELLI, 1997). Por isso, quando se pensa no ser, se esta a pensar particularmente em um ser e nos seus equivalentes. Exemplificativamente pode ser adotado o exemplo de um ovo. Caso uma pessoa se depare com um ovo de galinha, com um ovo de tartaruga ou com um ovo de madeira, reconhecerá todos eles e atribuirá para todos a nomenclatura “ovo”, justamente por reconhecer na essência destas coisas determinadas características comuns que fazem dela um ovo.

Aristóteles prossegue dizendo que tais determinações estão presentes em todas as formas e modos de ser particulares (SILVA, 2018). Ou seja, tudo o que se pensa para um objeto em particular deve existir, ao menos em princípio, para todos os demais que lhe sejam congêneres. Essa ideia foi de extrema importância para a modernidade, principalmente no pós-guerra para o recrudescimento dos direitos humanos.

Outra regra adotada por este filósofo em sua ontologia é a de que as regras que se aplicam a cada uma das coisas são distintas e que deveria existir uma ciência que tivesse por objetivo as determinações necessárias do ser, sendo esta precedente a todas as outras.

O terceiro conceito de metafísica, a metafísica como gnosiologia, é melhor expresso por Kant e Bacon (SILVA, 2018) e é tido como uma ciência universal, que seja mãe de todas as outras e que, no progresso das doutrinas, constitua a parte comum do caminho, antes que as sendas se separem e se desunam. Isso significa que quando se pensa a gnosiologia trata-se do conhecimento humano de forma geral e não de um conhecimento específico (MOURA, 2005).

Assim, a partir das 3 formas metafísicas, Aristóteles aprofunda sua crítica à Platão e afirma que tudo tem uma substância e cada substância oferece uma essência. Essa substância e essa essência organizam a forma e a matéria do ser. E a forma e a matéria do ser permitem os atos em potência (SILVA, 2018). É desta forma que organiza outros dos seus principais conceitos: substância e essência; forma e matéria; ato e potência.

Aristóteles procura pensar a substância como aquilo que é em si mesmo. É o suporte dos atributos ou predicados. Conforme anota PUNTEL (2001) a concepção aristotélica de substância chegou aos dias atuais com diversas conotações:

O "conceito de substância" tem pelo menos três sentidos diferentes na filosofia contemporânea. De acordo com o *primeiro* sentido, a substância é um *substratum* no qual propriedades (e relações) subsistem ou ao qual inerem. Assim, o *substratum* é suposto ser uma entidade distinta de outra entidade, o atributo (i. e. propriedade e/ou relação), uma vez que o particular concreto ou indivíduo é considerado como sendo constituído por essas duas entidades. Esse *substratum* tem sido chamado de "particular puro" (*bare particular*), uma vez que ele é desprovido de todos os atributos. Existem vários problemas conceituais com essa concepção de particulares puros (...). Uma *segunda* tendência rejeita a ideia de um particular puro, mas não a ideia de um sujeito. O conceito-chave introduzido pelos autores que favorecem esse enfoque, a fim de explicar o que eles entendem por substância ou particular concreto

(...). Um *terceira* tendência repudia o conceito de *substratum* (e sujeito) e introduz em seu lugar a característica de *independência* como "critério" da substância. Esse enfoque encontra-se em Descartes, Espinoza e outros.

Aparte as questões suscitadas pela filosofia contemporânea (o que acaba por advogar a chegada das ideias de Aristóteles aos dias atuais) tem-se que a substância é o que há de permanente no ser, nada obstante ser passível de sofrer mudanças.

Forma, por sua vez, é a substância como essência, sendo ela que determina a matéria, dando-lhe propriedade ou atributos. Matéria, então, é aquilo de que algo é feito, é o princípio de que o mundo é composto. Conforme aponta Chauí (2012, p.393), "matéria é a substância como *hypokeímenon*, isto é, como suporte, substrato ou sujeito capaz de receber determinações ou propriedades, justamente porque em si mesma e por si mesma ela não possui nenhuma", sendo a forma que distingue cada coisa. Nisso há mais um contraponto à Platão, pois, em Aristóteles as coisas existem antes das ideias, sendo a forma o princípio para compreensão dos objetos. Reifica-se o quanto da filosofia de Aristóteles é um diálogo com a filosofia de Platão.

Considerações finais:

O que foi possível suscitar ao longo deste texto foi o quanto o diálogo produzido na interseção das críticas aristotélicas à Platão acaba por atravessar a história e influenciar ainda as construções filosóficas dos dias atuais. Conforme apontado ao longo do texto, é possível verificar inspiração de conceitos aristotélicos em Tomás de Aquino, Agostinho, Locke, Weber, Marx, Wittgenstein, Kant, Bacon, Sartre e outros teóricos. Disso conclui-se que todo filósofo, de alguma maneira, está falando com as ideias de outro filósofo. Toda a filosofia ocidental é, em grande medida, um comentário às filosofias produzidas com raiz platônica e das críticas aristotélicas ao seu mentor.

Referências

ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto e; SOUZA, Solange Jobim e. Wittgenstein e Walter Benjamin: inquietações éticas e filosóficas como formas de viver e pensar. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro , v. 20, n. 1, p. 113-133, 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08 de outubro de 2019.

ALMEIDA, Maurício Barcellos. Uma abordagem integrada sobre ontologias: Ciência da Informação, Ciência da Computação e Filosofia. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte , v. 19, n. 3, p. 242-258, set. 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362014000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 de outubro de 2019.

ALMEIDA JUNIOR, João Batista de. *Escolástica Cristã*. São Paulo: Editora Sol, 2017.

CABRAL, João Francisco Pereira. "Substância e Categorias em Aristóteles"; *Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/substancia-categorias-aristoteles.htm>. Acesso em 06 de outubro de 2019.

CARNEVALLI, Maria Alice. *História do Pensamento Filosófico*. São Paulo: Editora Sol, 2011.

CENCI, Angelo Vitório. *Aristóteles e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Atica, 2012. Disponível em <https://bv4.digitalpages.com.br/?term=arist%25C3%25B3teles&searchpage=1&filtro=todos&from=busca&page=4§ion=0#/legacy/36540>. Acesso em 06 de outubro de 2019.

ENGELMANN, Ademir Antônio. *Filosofia*. Curitiba: InterSaberes, 2016. Disponível em <https://bv4.digitalpages.com.br/?term=aristoteles&searchpage=1&filtro=todos&form=busca&page=1§ion=0#/legacy/41655>. Acesso em 07 de outubro de 2019.

GOMES, William B. Gnosiologia versus epistemologia: distinção entre os fundamentos psicológicos para o conhecimento individual e os fundamentos filosóficos para o conhecimento universal. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 37-46, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100005&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 08 de outubro de 2019.

KIM, Douglas. *O livro da filosofia*. São Paulo: Globo Livros, 2016.

LIMA, Alexandre. Ética aristotélica em Marx. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 37, n. 2, p. 11-30, Aug. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732014000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 de outubro de 2019.

MOURA, Paulo Sérgio. *O pensamento: a gnosiologia*. CESIMA: São Paulo, 2005. Disponível em <https://www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/paulosergio/filosofia.html>. Consultado em 08 de outubro de 2019.

PUNTEL, Lorenz B.. O conceito de categoria ontológica: um novo enfoque. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 42, n. 104, p. 7-32, Dec. 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2001000200001&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08 de Outubro de 2019.

SILVA, Divani Alves da. *Filosofia Antiga Aristóteles*. São Paulo: Editora Sol, 2018.

SPINELLI, Miguel. O Exame De Aristóteles Da Proposição Ontológica De Parménides. *Revista Portuguesa De Filosofia*, vol. 53, no. 2, 1997, pp. 323–

349. JSTOR: Lisboa. Disponível em www.jstor.org/stable/40337191. Acesso em 08 de outubro de 2019.

STEFANI, Jaqueline. *O Conhecimento em Aristóteles*. Caxias do Sul: EducS, 2018. Disponível em <https://bv4.digitalpages.com.br/?term=arist%25C3%25B3teles&searchpage=1&filtro=todos&from=busca&page=4§ion=0#/legacy/175210>. Acesso em 06 de outubro de 2019.

STUDTMANN, Paul. Aristotle's Categories. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2018 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em <https://plato.stanford.edu/archives/fall2018/entries/aristotle-categories/>. Acesso em 08 de outubro de 2019.

TAVARES, Renata; NOYAMA, Samon. *Textos Clássicos da filosofia antiga: uma introdução à Platão e Aristóteles*. Curitiba: InterSaberes, 2017. Disponível em <https://bv4.digitalpages.com.br/?term=A%2520rep%25C3%25BAblica%2520PIat%25C3%25A3o%2520&searchpage=1&filtro=todos&from=busca&page=4§ion=0#/legacy/147877>. Acesso em 07 de outubro de 2019.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). FERNANDES, Florestan (Coord.). *Weber – Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 13. São Paulo: Ática, 1999.